

## Xawara e saúde: a intrínseca relação entre o sentimento por luta e o sofrimento

Xawara and health: the intrinsic relation between the feeling of struggle and suffering

Xawara y salud: la relación intrínseca entre el sentimiento de lucha y el sufrimiento



Thalita Mascarelo da Silva<sup>1,a</sup>

[thalitamascarelo@outlook.com](mailto:thalitamascarelo@outlook.com) | <https://orcid.org/0000-0002-0703-8226>

<sup>1</sup> Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<sup>a</sup> Mestrado em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo.

## RESUMO

A resenha analisa o documentário Xawara e saúde, dirigido por Daniela Muzi. A obra apresenta a luta dos povos indígenas Yanomami e dos profissionais de saúde em Boa Vista, Roraima, em meio à Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional declarada no dia 20 de janeiro de 2023 pelo Ministério da Saúde. A obra ambienta localidades fundamentais em meio a essa crise, como a Casa de Saúde Indígena Yanomami (CASAI-Y), além de escutar personagens representativos para o entendimento da mensagem da obra. Dessa forma, é propício ao telespectador estabelecer reflexões no que tange à complexidade do trinômio cultura-saúde-território para os habitantes locais, considerando, ainda, todo um histórico radical de invasões, xawara (epidemias) e sofrimento.

**Palavras-chave:** Saúde indígena; Epidemias; Comunicação em saúde; Saúde coletiva; Atenção à saúde.

## ABSTRACT

This review analyzes the documentary Xawara e saúde, directed by Daniela Muzi. The documentary presents the struggle of Yanomami groups and health professionals in Boa Vista, Roraima, in the midst of the Public Health Emergency of National Importance declared on January 20, 2023 by the Ministry of Health. The documentary highlights key locations in this crisis, such as the Casa de Saúde Indígena Yanomami (CASAI-Y), and listens to representative characters for the understanding of the message of the work. In this way, it is conducive to the viewer to reflect on the complexity of the culture-health-territory trinity for the local inhabitants, considering, additionally, the radical history of invasions, xawara (epidemics) and suffering.

**Keywords:** Indigenous health; Epidemics; Health communication; Public health; Health care.

## RESUMEN

La reseña analiza el documental Xawara e saúde, dirigido por Daniela Muzi. El trabajo presenta la lucha de los pueblos indígenas Yanomami y de los profesionales de la salud en Boa Vista, Roraima, en medio de la Emergencia de Salud Pública de Importancia Nacional declarada el 20 de enero de 2023 por el Ministerio de Salud. El trabajo se desarrolla en localidades fundamentales, en medio de esta crisis, como la Casa de Saúde Indígena Yanomami (CASAI-Y), además de escuchar a personajes representativos para comprender el mensaje de la obra. De esta manera, resulta propicio para el espectador establecer reflexiones sobre la complejidad del trinomio cultura-salud-territorio para los habitantes locales, considerando también una historia radical de invasiones, xawara (epidemias) y sufrimiento.

**Palabras clave:** Salud indígena; Epidemias; Comunicación sanitaria; Salud pública; Atención a la salud.

---

## INFORMAÇÕES DO ARTIGO

**Obra resenhada:** XAWARA e saúde. Direção: Daniela Muzi. Produção: VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz. Rio de Janeiro: VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz, 2023. 1 vídeo (29:58 min.). Disponível em: <https://youtu.be/dsRA7tt3RHs?si=4V-2DF4dPDJdmaDY>. Acesso em: 23 ago. 2024.

**Contribuição dos autores:** a autora é responsável por todo o texto.

**Declaração de conflito de interesses:** não há.

**Fontes de financiamento:** Bolsa de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

**Considerações éticas:** não há.

**Agradecimentos/Contribuições adicionais:** não há.

**Histórico do artigo:** submetido: 23 ago. 2024 | aceito: 2 set. 2024 | publicado: 27 set. 2024.

**Apresentação anterior:** não houve.

**Licença CC BY-NC atribuição não comercial.** Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

Xawara e saúde (2023) nos transporta para Roraima, o estado mais ao norte do país, palco de uma Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (Espin) declarada no dia 20 de janeiro de 2023 pelo Ministério da Saúde (MS), na terra indígena Yanomami. A falta de assistência à saúde no território levou à morte 570 crianças entre 2019 e 2020, por causas evitáveis, demandando ações de assistência à saúde contra a denominada xawara (epidemias). Foi a primeira vez que se decretou uma Espin por desassistência e pela complexidade do problema, de esfera multifatorial. A situação de saúde encontrada envolvia alto índice de desnutrição, mortalidade, contaminação da água por mercúrio, falta de medicamentos e recursos para a saúde indígena, tendo como fator basilar a invasão do garimpo na região, o que desestruturou o Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami (DSEI-Y).

O documentário nos informa sobre essa emergência atual, deixando uma porta aberta para perguntas como: como chegamos a esse extremo? Por que os habitantes Yanomami foram submetidos a tanto sofrimento? O elemento-chave que transita em Xawara e saúde é o entendimento de que saúde perpassa um espaço de produção da saúde, isto é, todo um contexto político-social e territorial que arranja um cenário único para os povos Yanomami, condizente à sua cultura, ao enfrentamento de problemas múltiplos, inclusive ao sentimento de sofrimento.

A obra se inicia com a voz de Daniel Yanomami, liderança indígena, dizendo:

Aqui na nossa floresta, hoje, tem muitas doenças e por isso estou sofrendo sem parar. E é em razão desse sofrimento que eu quero lutar contra os não indígenas. Por isso quero lutar. Os garimpeiros, que são cheios de doença, eles ainda estão lá. Se os garimpeiros acabarem, talvez nós possamos nos curar. [...] É por isso que eu quero falar com vocês que estão aqui. Eu não quero o garimpo, não quero mesmo. Só quero a 'saúde'.



Figura 1 – Espaço comum em área indígena Yanomami  
Fonte: Xawara e saúde (2023).

No Brasil, em 1986, foi realizada a I Conferência para Proteção à Saúde dos Povos Indígenas, iniciando a formulação de uma política pública nacional de atenção à saúde dos povos indígenas (Lobo; Cardoso, 2023). Além disso, a Constituição de 1988 estabeleceu o direito dos povos indígenas brasileiros à organização social, aos costumes, às línguas, às crenças e às tradições, além de reconhecer a demarcação e o usufruto exclusivo de seus territórios (Garnelo; Sampaio; Pontes, 2019, p. 20).

Outro marco importante, em 1989, foi a aprovação do Plano Emergencial de Atenção à Saúde Yanomami (PEASY/1990), com a finalidade de reverter as precárias condições de vida e saúde encontradas no maior território indígena do país (Brasil, 1989). Com muita luta dos povos indígenas, houve também, em 1999, a implantação de um sistema público específico aos povos indígenas integrado ao Sistema Único de Saúde (SUS): o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (Sasi-SUS), diante das especificidades e necessidades enfrentadas pelas minorias indígenas (Garnelo; Sampaio; Pontes, 2019).

Apesar dessas frentes, a atual emergência sanitária evidencia o problema estrutural histórico-social vinculado aos projetos militares e aos interesses econômicos de exploração predatória em áreas indígenas junto às políticas de saúde indígena instáveis desde a década de 1970 (Lobo; Cardoso, 2023, p. 2). Diante dessa realidade, na transição de governo em 2022, o grupo de trabalho de saúde fundamentou a importância de um plano emergencial para os povos Yanomami. Sob a coordenação da Secretaria de Saúde Indígena (SESAI) do Ministério da Saúde, foi instituído o Centro de Operações de Emergência Yanomami (COE-Y), com articulação interinstitucional (Lobo; Cardoso, 2023).

A partir de depoimentos de atores-chave, como lideranças indígenas e profissionais da saúde que estão vivenciando o território, o documentário nos faz transitar por diferentes localidades, como o Polo Base Surucucu DSEI-Y e a Casa de Saúde Indígena Yanomami (CASAI-Y), apresentando o que tem sido feito no território – as dificuldades enfrentadas, os resgates necessários, o atendimento aos pacientes, as diversas articulações, o monitoramento e o planejamento de ações emergenciais.

A escolha dos personagens faz valer, assim como preconizado no campo da comunicação e saúde, o destaque na luta pela descentralização da comunicação, com a identificação de outras vozes na produção e circulação da informação em saúde, considerando os saberes de diferentes grupos sociais e seus determinantes, ampliando vozes periféricas (Araújo; Cardoso, 2007). Esse marco decisório na seleção de quem escutar, de quais rostos mostrar, do que nomear é fundamental na disputa de vozes que há em sociedade. Dessa forma, tem-se como fator-base a valoração da diversidade de saberes, e entende-se a abertura e o diálogo entre diversos atores como essência do direito à comunicação e à informação em saúde (Araújo; Cardoso, 2007).

O documentário, nessa interlocução com doze personagens-fontes, enriquece o telespectador de informações, explicitando a complexidade de articulações necessárias para dar conta da falta de assistência que os Yanomami vinham sofrendo, tendo como referência o COE-Y sob o comando da SESAI e com o apoio técnico da Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente (SVSA), para coordenar a resposta emergencial do governo federal. Assim, uma característica instigante da obra é apresentar, com propriedade, um profissional substancial para toda essa construção de cuidado: os profissionais gestores de saúde coletiva indígena.

Os Agentes Indígenas de Saúde (AIS) observam saúde, alegrias, conflitos, necessidades. São imprescindíveis em contextos de média e alta complexidades, em cenários nos quais a saúde se complexifica e transborda para a necessidade de uma saúde coletiva. A saúde coletiva tem como objeto as necessidades de saúde, para melhorar a qualidade de vida e permitir o exercício da liberdade humana. “O objeto da saúde coletiva é construído nos limites do biológico e do social e compreende a investigação dos determinantes da produção social das doenças e da organização dos serviços de saúde” (Paim, 1982, p. 3).

Esses profissionais integram a cultura no processo saúde-doença-cura-cuidados, articulando saberes indígenas tradicionais com o aprendizado de técnicas e estratégias de atenção em saúde no território (Garnelo; Sampaio; Pontes, 2019, p. 66). Por isso, lutar pelo espaço do profissional indígena de saúde é um ato político do movimento indígena que é visibilizado no documentário, ao demonstrar principalmente o seu caráter específico quanto ao seu conhecimento vinculado ao subsistema de saúde indígena, a sensibilidade e o pertencimento àquela comunidade, imperioso no respeito necessário à cultura e ao território Yanomami.

O território apresenta características essenciais que envolvem, por exemplo, os seus diferentes dialetos, as histórias contadas oralmente e a ingerência dos xamãs, os quais precisam ser considerados em harmonia com o cuidado e as estatísticas oferecidas pelos profissionais de saúde.

O território, nesse sentido, é esfera de poder, de identidade, de pertencimento e de diferença. Evoca “aquilo que se pode ver, tocar, aprender e, portanto, ser compreendido. Sem dúvida, é desde os espaços locais que se definem os contornos da vida diária, onde se constrói a personalidade social e onde se faz a aprendizagem social” (Garcia, 1999, p. 247). Além disso, para entender os problemas de saúde daquela população é preciso compreender o território para além da sua materialidade, a partir das suas territorialidades, ou seja, é a partir das relações de poder estabelecidas entre os sujeitos cotidianamente que se estabelecem redes, influências e estratégias (Raffestin, 1993)

É assim que, operacionalmente, e com base nas diretrizes organizacionais do SUS – descentralização, regionalização e hierarquização –, o trabalho de saúde no território pode ser realizado, com respeito ao seu perfil singular (epidemiológico, tecnológico, político, social e cultural), às equipes multidisciplinares, com mecanismos de comunicação próprios ali existentes (Lobo; Cardoso, 2023). Nesse sentido, a luta por saúde é intrínseca à luta pelo território. “O território deve ser visto prioritariamente como espaço de produção da saúde, e não da doença. Ou seja, as ações a serem desenvolvidas na comunidade devem se pautar por aspectos muito mais amplos que o perfil de morbimortalidade vigente no território” (Garnelo; Sampaio; Pontes, 2019, p. 65).

Diante da diversidade de elementos informativos e ilustrativos apresentados na obra, é possível apreender que, como documentário, Xawara e saúde cumpre a função de transmitir, em imagens e depoimentos, sentimentos em meio à amplitude do tema saúde naquele território. Instiga reflexões tanto de cunho histórico, no que diz respeito ao povo Yanomami e às marcas profundas cravadas pelo colonialismo – a exploração e a injustiça social –, quanto de cunho político-social na atualidade, ao evidenciar a complexa inter-relação entre cultura, saúde e território. Debate sobre formas diversas a viabilidade da produção e prática de políticas de saúde que dialoguem com os indígenas e os profissionais da saúde, sustentando, assim, uma concepção de saúde coletiva compartilhada e que respeita a cultura e a diversidade.

Como documento político, defende a contínua luta pelos direitos dos povos indígenas ao território, à saúde, à felicidade. Une múltiplas vozes com o objetivo de visibilizar o trabalho daqueles que lutam na emergência sanitária e fortalecem a resistência daqueles que pertencem ao território. E essa trajetória, como nos aponta o documentário, é longa, incessante e desafiadora na busca por garantir a sobrevivência, o bem-estar e os direitos Yanomami frente ao sofrimento construído historicamente por invasões, epidemias, impactos ambientais e sociais.

Como Daniel Yanomami ensina em uma de suas falas do documentário: “*Nós não queremos fazer vocês nos verem em sofrimento. Quando nos pintamos, quando nós ficamos bem bonitos, se estivermos usando nossas penas de rabo de arara, somente assim que eu gostaria que vocês nos filmassem*”. A saúde associada a não sofrer é resistência por seu território e seu direito de viver. “Mesmo no caos, os Yanomami nunca deixaram de rir – o que sempre é indicador de grande esperança” (Lobo; Cardoso, 2023, p. 5).

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

BRASIL. Decreto n. 98.478, de 6 de dezembro de 1989. Aprova o Plano Emergencial de Atenção à Saúde Yanomami e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, p. 22494, 1989. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1980-1989/d98478.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/d98478.htm). Acesso em: 15 jun. 2024.

GARCIA, Xosé López. Médios locais do futuro e com futuro. *In*: LEDO ANDIÓN, Margarita; KUNSCH, Margarida Krohling (org.). **Comunicación audiovisual**: investigación e formación universitarias. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela; Intercom, 1999. p. 245-254.

GARNELO, Luiza; SAMPAIO, Sully de Souza; PONTES, Ana Lúcia. **Atenção diferenciada**: a formação técnica de agentes indígenas de saúde do Alto Rio Negro. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2019. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/m32qk/pdf/garnelo-9786557080115.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

LOBO, Maria Stella de Castro; CARDOSO, Maria Lúcia de Macedo. Lições de tempos urgentes: a experiência da atenção à saúde Yanomami ontem e hoje. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 4, p. e00065623, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT065623>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/bVFH4Y5vZPcvHLkdSyPY9nM/?lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PAIM, Jairnilson Silva. Desenvolvimento teórico-conceitual do ensino em saúde coletiva. *In*: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA (ABRASCO). **Ensino da saúde pública, medicina preventiva e social no Brasil**. Rio de Janeiro: ABRASCO, 1982. p. 5-17.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993. (Geografia e política, 29).